

**A CULTURA SUL-MATO-GROSSENSE E SUA CONDIÇÃO MESTIÇA:
ASPECTOS SEMIÓTICOS DA MANIFESTAÇÃO POPULAR DO *EL TORO CANDIL***

**THE CULTURE OF MATO GROSSO DO SUL AND IT'S HYBRID CONDITION:
SEMIOTIC ASPECTS OF THE POPULAR MANIFESTATION *EL TORO CANDIL***

Gicelma da Fonseca Torchi-Chacarosqui (UFGD) ¹

Resumo: A mestiçagem é um pensamento da mediação que se exerce nos intervalos, nos interstícios, nas fronteiras a partir dos cruzamentos e das trocas; pertence ao território do ato e procede ao deslocamento do que se tinha como categorial, colocando, assim, em questão princípios, nomeadamente o princípio da “Identidade”. Este artigo tem como objetivo abordar a rica e estratificada cultura traduzida em significativas produções artísticas sul-mato-grossenses (música, dança, literatura, teatro, pintura, escultura, cinema), verificando particularmente as festividades do *El Toro Candil* como fator de mestiçagem e interculturalidade.

Palavras-chave: mestiçagem; cultura popular; cultura sul-mato-grossense.

Resumen: El mestizaje es un pensamiento de la mediación ejercido en los intervalos, en los intersticios, en los pasos fronterizos desde los cruces y los cambios; pertenece al territorio del acto y procede al desplazamiento de lo que se tenía como categórico, poniendo así en cuestión los principios, en particular el principio de "identidad". Este artículo tiene como objetivo abordar la rica estratificada cultura traducida en importantes producciones artísticas de Mato Grosso do Sul (música, danza, literatura, teatro, pintura, escultura, cine), discutiendo en particular las fiestas de *El Toro Candil* como un factor de mestizaje e interculturalidad.

Palabras-clave: mestizaje; cultura popular; cultura de Mato Grosso do Sul.

E cego é o coração que trai
Aquela voz primeira que de dentro sai
E às vezes me deixa assim a
Revelar que eu vim da fronteira onde
O Brasil foi Paraguai
(“Sonhos Guaranis”/Simões; Sater, faixa 5)

Fragmentos Introdutórios

Cultura é sempre um processo ativo por causa de seu caráter mimético, de imitação, de assimilação, de confluência. A cultura (como a natureza, seu duplo) é o terreno por excelência dos hibridismos, da diversidade, da diferença, da mestiçagem. O presente trabalho, resultado

¹Professora Doutora da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD-FACALE). Email: giondas@hotmail.com

de nossa pesquisa “Aspectos semióticos de literatura e cultura: interfaces e elos de intermediações na cultura sul-mato-grossense”, aborda a rica e mestiça cultura do Mato Grosso do Sul, traduzida em significativas manifestações artísticas, verificando particularmente a manifestação popular denominada de *El Toro Candil* como forte aspecto de agregação e interculturalidade Brasil-Paraguai. Defendemos que a mestiçagem não é só aquele fato racial, mas a tessitura da modernidade, que, segundo Martin-Barbero:

[...] é trama hoje de modernidade e descontinuidades culturais, deformações sociais e estruturas do sentimento, de memórias e imaginários que misturam o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo. (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 27- 8)

Ou seja, as maneiras de ser e estar no mundo de cada grupo social determinam subsídios para a edificação do local, que é composta especialmente por: visualidades, sonoridades, gestualidades, linguagens e crenças, que narram e modelam uma cultura própria e compõem o imaginário de um país, uma região, uma cidade. A nascente do folclore são as coligações de origem (autênticas), ou seja, os grupos herdaram suas manifestações, criadas em tempos remotos, imprecisos, cujas estruturas, normas, roteiros, estética, funções e outros elementos importantes; as suas existências são aceitas coletivamente e reproduzidas pelas sucessivas gerações. Segundo Sigrist (2008) qualquer bom condutor da tradição popular pode se promulgar através do lembrar, exercício que deve ser feito diariamente, como nossos antepassados faziam, para que possamos aparar as arestas, ajustar os ponteiros do tempo e projetar o futuro. É assim que se mantêm as tradições. O resultado desse exercício coletivo é que pode ser apontado como tradição do lugar.

1. Elos de Intermediação Cultural: *El Toro Candil*

“*El Toro Candil* não se caracteriza como dança nem como folguedo” (SIGRIST, 2008, p. 27); é considerado uma brincadeira feita com o boi (*toro*, em espanhol), confeccionado de arame, couro do boi curtido e a ossatura natural da cara do boi, abatido para a festa. Duas tochas acesas são colocadas no chifre do boi candeeiro (*candil*, em espanhol). Os brincantes mascarados (*mascaritas*, em espanhol) apresentam-se fantasiados para não serem reconhecidos (tanto homens, quanto mulheres), brincam entre si, mudam a voz e falam em idioma guarani, português e espanhol.



Pelota Tatá em Porto Murtinho/MS

Antes da chegada do *Toro*, fazem a brincadeira *bola-ta-ta*, ou *pelota tatá*, uma bola de pano, encharcada de óleo em que é ateadado fogo. Os brincantes chutam a bola de um para outro, brincando até que a mesma se apague. Na continuidade, entra *El Toro Candil* para alcançar o auge da festa. Quando se acham cansados, os brincantes vão para o salão, a rua ou a quadra e dançam (podendo ser homens com homens ou com mulheres, mesmo porque estes podem não se conhecer) ao som de salsas, guarâneas, polcas e/ou merengues. A brincadeira acontece geralmente dia oito de dezembro (ou na véspera, no dia sete), em comemoração ao dia de Nossa Senhora de Caacupé, Santa protetora do Paraguai. Segundo Sigrist (2008, p. 27):

el Toro Candil só possui a cabeça incandescente, sem o corpo. Um acontecimento que se repete no Paraguai, Argentina, Colômbia. Não há orientações cênicas com papéis definidos para serem representados, apenas brinca-se com o *Toro* e seus brincantes apresentam-se todos mascarados e travestidos, com predominância de homens vestidos grotescamente de mulheres.

El Toro Candil é uma manifestação mestiça que traduz a cultura como um lugar a partir do qual algo começa a se fazer intercambial, ou seja, o conceito de fronteira não é tomado aqui como um marco cartográfico de separação, mas como um local de contatos, de múltiplas relações, de trocas inúmeras, de trânsitos diversos. Jérri Marin (2004, p. 325-6) indaga: “a fronteira, nesse caso, situa-se no meio das águas, entre os marcos, ou estaria em todos os lugares?”; na sequência, afirma que “o ir e vir fronteiriço e as trocas culturais contestam e fragilizam a visão” de que “as fronteiras são precisas e de que o Estado é soberano e mobiliza de forma homogênea todos os cidadãos”; enfim, “as fronteiras são

imaginárias, móveis, incertas e de difícil delimitação”. Isto corrobora com o pensamento de Bhabha (2007, p. 27), segundo o qual o trabalho fronteiriço de cultura decreta uma incidência com o novo.

Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.

A manifestação cultural do *El toro candil* é exatamente o que afirma Bhabha, um trabalho fronteiriço onde ambas as culturas, brasileira e paraguaia, têm um encontro com algo novo que vai transformar tanto o passado como o presente ², essa ideia do novo como ação rebelde que nos traz o *El toro candil* ressignificado, insurgente, mestiço. Criando a ressignificação pela mistura, ou seja, o tradicional com as inovações. *El toro candil* feito de ossatura de boi se vê misturado com o “boi de candil” feito de papel machê (o *Toro candil* novo que surge em Porto Murtinho nos últimos anos). A festa popular, tradicional, em que *El toro candil*, aquele feito do esqueleto do boi se mantêm, festa feita em devoção a Nossa Senhora de Caacupé, aos poucos se mistura com a cultura de massa de um “*Toro candil*” alegre, colorido, dançante, que surge em um Festival Internacional em Porto Murtinho e que ganha fama em todo o Estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil. Mas que não mantém a tradição popular, que se ressignifica pelo capital, pelas mídias, pelo viés da cultura de massas, pelas infiltrações. No entanto, o popular resiste, não morre, continua, pois é mantido pela fé, pela crença, pela determinação do povo, ou como diz Renato Almeida (1957, p. 42): “Se não vier do povo ou do primitivo (de origem) coisa alguma é folclore [tradição], pois apenas nesse ambiente produz-se folclore”.

2 A **guerra do Paraguai** foi o maior conflito armado internacional ocorrido no continente americano, no período de dezembro de 1864 a março de 1870. É também chamada **Guerra da Tríplice Aliança**. O Brasil, a Argentina e o Uruguai, aliados, derrotaram o Paraguai após cinco anos de lutas, durante os quais o Brasil enviou 180 mil homens em guerra. Destes, mais de 30 mil não voltaram. As perdas humanas sofridas pelo Paraguai são calculadas em 300 mil pessoas, entre civis e militares, mortos em decorrência dos combates, das epidemias que se alastraram durante a guerra e da fome. O Paraguai, antes da guerra, atravessava uma fase de prosperidade econômica. A derrota marcou uma reviravolta decisiva na história do país, desde então um dos menos desenvolvidos da América do Sul. (Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/historia/guerradoparaguai/>>. Acessado em: 18 de abril de 2011).

ToroCandil original



O processo de mestiçagem é responsável pelo diálogo tradutório entre língua e culturas. É pela mestiçagem que explicamos as constantes transformações culturais sul-mato-grossenses e sua densa polissemia, pois esta vive entre o que afirmam Laplantine e Nous (s/d, p. 58), que “qualquer cultura é mestiça no sentido em que esta participa do mito e do real, e que vive no limiar entre o passado e o futuro”. Na linha deste pensamento contribui a conceituação de Tania Carvalhal (2003, p. 156), segundo a qual: “Fronteira é realidade e mito, sonho e frustração”, pois vai além dos marcos geográficos e cartográficos, são marcos e limiares políticos, sociais e culturais. Este limiar nos permite uma reflexão do que é a cultura popular e a cultura de massa. Cultura popular é aquela que se constitui pela exclusão do culto, da erudição, cultura do povo formada em suas relações sociais, aquela que comunica a memória e experiência de um povo. Cultura de massa é a unificação, homogeneização da cultura popular que passa por “uma operação, um apagamento das fronteiras que se desencadeia com a constituição de um discurso homogêneo e uma imagem unificada do popular, primeira figura da massa” (SANTAELLA, 2005, p. 165). Por sua vez, a semiótica defende ainda, que a cultura – qualquer cultura – é sempre um procedimento operacional ativo por causa de seu modo “mimético, de imitação, de assimilação, de confluência” (p. 10). Ela reitera que, considerar uma cultura como um corpo imaculado e intocável, é um evento que não se sustenta sob nenhuma hipótese. Para a teórica não existe separação rígida entre cultura erudita, popular e de massa, quer dizer,

[...] a cultura de massa não deve ser vista como uma terceira forma de cultura estranha às anteriores. Ao contrário, a cultura de massas provocou profundas mudanças entre a cultura erudita e a cultura popular, produzindo novas apropriações e intersecções absorvendo para dentro de suas malhas. Em síntese, a comunicação massiva deu início a um processo que estava destinado a se tornar cada vez mais

absorvente: a hibridação das formas de comunicação e de cultura.
(Ibid., loc. cit.)

A cultura popular é produzida pelas classes subalternas responsáveis pela preservação ritualística da memória cultural de um povo. Um povo sem cultura não tem tradição e um povo sem tradição não tem história, uma necessita da outra para se fazer presente dentro dessa ou daquela determinada sociedade. Temos que conhecer nossa ancestralidade e isso se faz mediante a cultura popular produzida e eternizada pelo povo. É o que acontece com o ritual do *El Toro Candil* na fronteira do Brasil com o Paraguai. É nosso povo perpetuando nossa cultura e fazendo nossa história fronteiriça. Em seu contínuo transformar através dos tempos, a cultura popular sempre manteve um diálogo com as outras manifestações humanas. No caso do *El toro candil*, esse diálogo realiza-se, sobretudo, entre o sagrado e o profano. Com o advento do jogo – linguagem que aglutina fé e é possuidora de uma incrível capacidade de interlocução sígnica, capaz de atuar em diversos níveis de percepção, a ponto de transformar uma narrativa de crença em um evento plurissemiótico –, é oferecida à comunidade a oportunidade de um diálogo dinâmico como manifestação popular a partir do contato com a linguagem das imagens dos “mascaritas” e do *toro* em movimento. O espaço da manifestação, a rua, a quadra, se ilumina e ilumina as mentes e as vidas dos que participam dela, pois é uma manifestação de fé (lembramos sempre que é em homenagem a Nossa Senhora de Caacupé). A percepção e a interlocução semiótica são tão fortes, pois parte de uma consideração desta enquanto uma experiência física, que deixa suas marcas impressas na memória do participante, do espectador (o mesmo sendo válido para o espectador-escritor). O fato de a manifestação do *El Toro Candil* acontecer associada, ou em homenagem, a Nossa Senhora de Caacupé colabora para a ideia de que a cultura sul-mato-grossense é constituída da confrontação e do diálogo. É a religião se alocando em sua condição mestiça e comprovando o que Laplantine e Nouss (s/d, p. 10) afirmam, que nos processos de mestiçagem a única e grande regra é a “falta de regras”.



Nossa Senhora de Caacupé

A Virgem de Caacupé é a padroeira do Paraguai e de alguns municípios sul-mato-grossenses, inclusive de Porto Murtinho, cidade em que a manifestação do *El Toro Candil* é tradicional. Conta a lenda que:

no final do século XVI, no Paraguai, um índio convertido, escultor por ofício, andava sobre uma montanha quando foi atacado pelos Mbayaes, dos quais escapou escondendo-se atrás de um grosso tronco. Nos angustiantes momentos em que ficou escondido, pediu a Nossa Senhora que o livrasse da morte. Quando se viu livre da ameaça, começou a construir uma imagem da Virgem com um pedaço do tronco que o havia acolhido. Ainda segundo a lenda, no ano de 1603, o lago Tapaicúá transbordou e inundou todo o vale de Pirayú, arrastando tudo que estava à sua volta, inclusive a imagem de Nossa Senhora. Quando as águas baixaram, milagrosamente apareceu a imagem que o índio esculpira. Os fiéis começaram a difundir sua devoção e a invocá-la com o nome de "Virgem dos Milagres". Um devoto chamado José, carpinteiro, construiu uma modesta ermida e nela começou a ser cultuada a Virgem de Caacupé. A imagem de Nossa Senhora de Caacupé é bem pequena, medindo pouco mais de cinquenta centímetros. Ela é a Imaculada Conceição. Seus pés se apoiam sobre uma pequena esfera e suas vestes trazem uma faixa branca de seda. A palavra Caacupé significa "detrás dos montes". O Santuário de Caacupé é um centro nacional de peregrinações. A festa é celebrada anualmente no dia 8 de dezembro. Os peregrinos chegam aos milhares ao Santuário para demonstrar seu amor e gratidão à Mãe de todos, a "Virgem Azul do Paraguai". (Disponível em:

<http://www.reocities.com/Heartland/Bluffs/6737/Caacupe/Caacupe.htm>.
Acessado em: 20 de março de 2011)

O fato de a religiosidade estar mesclada por lendas, de ser uma religiosidade fronteiriça, de ser esta um lenda indígena, ou conviver nesta lenda um elemento índio, também sinaliza a condição mestiça de nossa cultura por acusar o encontro de povos e suas identidades plurais.

2. *El Toro Candil* no Mato Grosso do Sul

No Paraguai, a manifestação do *El Toro Candil* acontece no dia 8 de dezembro, em homenagem a Nossa Senhora de Caacupé, ou como parte das festividades em comemoração ao nascimento de São João Batista, nas festas do mês de junho, mais precisamente do dia 24 de junho. A brincadeira e a festa fazem parte do calendário oficial do Paraguai. No Brasil, por sua vez, esta manifestação popular é encontrada na região fronteiriça e é conhecida também como *Toro candil*. Temos notícias da prática desta brincadeira, por grupos isolados, em épocas diversas, em cidades como Corumbá, Dourados, Bandeirantes, Ponta Porã, Bonito, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Bela Vista, Bandeirantes, Amambai e até Campo Grande (capital do estado). No entanto, sabemos que em apenas dois espaços geográficos distintos do Mato Grosso do Sul é que a manifestação realmente se mantém viva e atuante. Em Amambai³, município fronteiriço do sul do estado, a tradição se mantém e acrescenta a esta um avestruz, que acompanha *El Toro Candil*. A alegoria é feita com uma armação de arame, enfeitada com folhas de coqueiro e uma cabeça feita de madeira. A ave provoca e disputa com *El Toro Candil*, juntamente com o *maskarita*, geralmente o personagem mascarado (a máscara ganha apenas uma parte do rosto) que usa uma capa de toureiro. Em Amambai *El Toro Candil* participa de toda e qualquer festividade, chegando de surpresa e animando os convidados. Está sempre acompanhado do avestruz:

3 **Amambai** é um município brasileiro do sul de Mato Grosso do Sul, situado a 90 km de Ponta Porã e 50 km de Coronel Sapucaia (fronteira com o Paraguay). O Município está localizado numa região de relevo levemente ondulado, predominando os “Campos de Vacaria” e “Mata de Dourados”. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Amambai>>. Acessado dia 20 de abril.

As fotos ilustram uma releitura da brincadeira do *El Toro Candil* feita por alunos de Artes Cênicas em evento acadêmico na Universidade Federal da Grande Dourados no ano de 2010.

O **avestruz** (em Portugal, **a** avestruz) é uma ave não voadora, originária da África, que leva o nome científico *Struthio camelus*. É a única espécie viva da família *Struthionidae*, do gênero, *Struthio*, e da ordem das Struthioniformes. Avestruzes são considerados a maior espécie viva das Aves e seu nome científico vem do [grego](#) para "camelo pardo" (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Avestruz>>. Acessado em: 20 de maio de 2011).

Ninguém sabe como o avestruz, que é uma ave africana, começou a fazer parte da manifestação cultural em Amambai. Acredita-se que por ser parente da ema, o avestruz pode até ter sido confundido com a ema. Mas nada, até então, comprova esta afirmação. A única explicação plausível é a nossa mestiçagem de cultura. É interessante lembrar que tanto o avestruz quanto o touro são animais utilizados para corrida, que o *El Toro Candil* – paródia das corridas de touros (Espanha, México) – é uma festa que acontece no período noturno, em espaço aberto, clareado pelo fogo das tochas conectadas à ossatura da cara do boi, complementada pelo corpo feito de varas com cobertura do próprio couro do boi, ou de tecido. Outras vezes o *El Toro Candil* só possui a cabeça incandescente, desprovida do corpo. Um acontecimento que se repete no Paraguai, Argentina e na Colômbia. Em Corumbá, o *El Toro candil* aparece na época do São João ⁴, uma festa muito grande que existe na região de fronteira com a Bolívia. Nesta cidade ele se mantém de forma tradicional. A grande transformação operada na manifestação do *El Toro Candil* acontece na cidade de Porto Murtinho.

3. *El Toro Candil* e mestiçagem: o caso Porto Murtinho

El Toro Candil é uma manifestação cultural de local. Temos aqui local como lugar numa acepção de que o lugar não é apenas físico, é contexto e significação. Segundo registros, o *El Toro Candil* acontece em Porto Murtinho há mais de meio século ⁵ como uma

4 O Arraial do Banho de São João, festa de origem portuguesa, tem como propósito divulgar as tradições folclóricas de Corumbá. já é conhecido como o melhor São João do estado de Mato Grosso do Sul e é o único do Brasil que mantém a tradição de banhar o santo nas margens do rio Paraguai. (Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=10951>>. Acessado em: 20 de março de 2011).

5 Pesquisas realizadas nos anos 90 por Sigrist (publicadas em 2000 e 2008 em 2ª edição) e revisitadas por Banducci (2003), registraram a manifestação do *El Toro Candil*, em que o grupo participante era liderado por Xisto Salvador Antunes, que havia herdado de sua mãe, Natividade Gimenez, a referida tradição e promessa da Festa da Virgem de *Caacupé*, há mais de 50 anos na cidade de Porto Murtinho em Mato Grosso do Sul.

manifestação de cultura popular. Hoje esta manifestação toma um outro viés, pois *El Toro Candil* surge de forma inovadora em meados de 2005 e é tido pela mídia como um resgate da cultura murtinhense, tornando-se uma grande apresentação conhecida nacionalmente. O que era apenas uma manifestação popular, tornou-se um “Festival Internacional de Porto Murтинho” e um “Projeto social da Prefeitura Municipal”; ganhou uma lenda, a “Lenda do *El Toro Candil*”, que nasce de uma lenda do Paraguai e é adaptada para o Brasil, e assim dois touros, nos modelos do boi de Parintins através de duelos culturais feitos em uma arena, confeccionada sob medida, disputam a legítima paternidade do famoso *El Toro Candil*.

O projeto sociocultural *Toro Candil* reúne cerca de 100 adolescentes com idade entre 12 e 18 anos para mostrar, através da dança e da encenação, no estilo de um grupo parafolclórico, traços da cultura murtinhense e se apresenta no Festival Internacional de Porto Murтинho, já em sexta edição, a exemplo do Festival de Parintins, no Amazonas. O Grupo também aceita convites e leva a apresentação do *Toro Candil* para todos os lugares em que são convidados, virando a sensação do momento no estado de Mato Grosso do Sul. No ano de 2011, apresentaram-se como parte oficial do calendário do Festival América do Sul da Cidade de Corumbá.

O Festival Internacional de Porto Murтинho segue o Modelo do Festival de Parintins, Amazonas. O Festival Folclórico de Parintins é uma festa popular realizada anualmente no último fim de semana de junho. O festival é uma apresentação a céu aberto, onde competem duas agremiações, o Boi Garantido, de cor vermelha, e o Boi Caprichoso, de cor azul. A apresentação ocorre no Bumbódromo (Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes), um tipo de estádio com o formato de uma cabeça de boi estilizada, com capacidade para 35 mil espectadores. Durante as três noites de apresentação, os dois bois exploram as temáticas regionais como lendas, rituais indígenas e costumes dos ribeirinhos através de alegorias e encenações. O Festival de Parintins se tornou um dos maiores divulgadores da cultura local. O festival é realizado desde 1965 e já teve vários locais de disputa, como a quadra da catedral de Nossa Senhora do Carmo, a quadra da extinta CCE e o estádio Tupy Cantanhede. Até que em 1987, o governador Amazonino foi assistir o festival, no mesmo local onde é o Bumbódromo, mas era um tablado.

(Disponível em <<http://www.camalote.org.br/?artigos>> Acessado em: 26 de junho de 2011).

Assim como o festival de Parintins, o *Festival Internacional de Porto Murtinho* busca o resgate da cultura local, ou seja:

[...] A inovação do povo legitima o poder da burguesia na medida exata em que essa invocação articula sua exclusão da cultura. É nesse movimento que geram as categorias “do culto” e do “popular. Isto é, do popular como inculto, do popular designado, no momento de sua constituição em conceito, um modo específico de relação com totalidade social: a da negação, a de uma identidade reflexa a daquele que se constitui não pelo que é, mas pelo que lhe falta. (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 35)

Na abertura do festival é feita uma homenagem a Nossa Senhora de Caacupé, padroeira do país vizinho e patrona de Porto Murtinho. Ainda são reverenciados o negro, o índio, o Barão da Fazenda e também o mito do encantamento que deu origem ao folclore, valorizando, assim, a religiosidade do povo da fronteira com o Paraguai. Em Porto Murtinho, os jovens do Projeto *Toro Candil* participam de todas as etapas de produção dos *Toros* inclusive da criação do figurino e das maquiagens. A disputa acontece entre o *Toro Bandido*, representado pela cor verde, e o *Toro Encantado*, identificado pela cor amarela, em uma grande brincadeira com muita música e dança, impressionando a plateia pelo misto de festa e religiosidade, pelo colorido, pelo brilho das fantasias e mágico desempenho dos participantes. A apresentação do *Toro Candil* foi eleita uma das melhores manifestações culturais de Mato Grosso do Sul, e em outubro de 2009 o grupo abriu o jogo Brasil *versus* Venezuela, no Estádio Morenã, em Campo Grande, na última etapa das eliminatórias da Copa do Mundo. Em 2010, representou o Mato Grosso do Sul durante o Salão Internacional de Turismo de São Paulo.

A Comissão Sul-Mato-Grossense de Folclore (CSMFL), entidade não governamental, com sede em Campo Grande/MS, não aceita a inovação da tradição do *El Toro Candil* e externa em documento sua opinião sobre esta manifestação de Porto Murtinho:

é um produto cultural interessante enquanto criação/transposição, já que é uma febre nacional fazer cópias de algumas manifestações, como ocorrido com o axé da Bahia (carnaval fora de época), implantado em centenas de municípios brasileiros. É o que tem ocorrido ultimamente com o Boi Bumbá de Parintins (Amazonas), num processo de desterritorialização, provocado pela massa. (Disponível em: <http://www.camalote.org.br/>. Acessado em: 22/03/2011)

Desta forma, deixa claro que os dois bois criados recentemente em Porto Murtinho/MS, denominados de *Toro Candil* por seus criadores (produtores culturais) e até de *Boi Candil*, *Touro Candil*, “é um produto cultural importante, mas não representa as manifestações populares tradicionais (hoje reconhecidas como patrimônio imaterial pela legislação vigente) entendidas como folclóricas” (disponível em: <http://www.camalote.org.br/>. Acessado em: 22/03/2011), porque são representativas da tradição local de um povo, apreendidas junto à comunidade por imitação e passadas de geração a geração, em transmissão empírica, distanciada das formas eruditas de ensino, como escolas, academias, instituições em geral, bem como das produzidas pelos meios massivos de comunicação. Muito menos estão impregnadas de signos e significados importantes para a comunidade que as pratica, porque não possuem vínculo com o fazer da ancestralidade local. “Se não vier do povo ou do primitivo (de origem) coisa alguma é folclore [tradição], pois apenas nesse ambiente produz-se folclore” (ALMEIDA, 1957, p. 42).

Se folclore é arte do povo, deverá ser entendido como uma reminiscência do passado, em que sua raiz bebe na fonte da tradição, arraigada a princípios de uma completa humanização coletiva, exteriorizada pela e para a comunidade. A comunidade murtinhense é formada por maioria de descendência paraguaia, mestiça e, portanto, guardiã da memória de seus antepassados indígenas (na linguagem, na alimentação, no artesanato) e espanhóis (nas festividades, nos ritmos, instrumentos musicais e danças). Por isso, reproduz a linguagem fronteira, limítrofe, conforme observa Tedesco (2010, p. 66):

[...] O limite insinua a divisão entre dois ou mais mundos, busca a divisão, anuncia a diferença, aparta o que não está ligado. O limite também traz presença da diferença e sugere a necessidade da separação insinuar dois mundos Brasil/Paraguai; pode ser a busca de todas as manifestações culturais, locais como a brincadeira do *Toro Candil* [...]. No Brasil tal brincadeira é realizada por paraguaios naturalizados brasileiros que chegaram ao Brasil e fixaram-se na região de fronteira e por seus descendentes.

A manifestação Cultural *Touro Candil*, que em meados de 2005 surgiu como um resgate da cultura murtinhense pela segunda vez, foi eleita, naquele ano, a manifestação cultural representante oficial da região turística Bonito/Serra da Bodoquena. A escolha aconteceu em Guia Lopes da Laguna, com participação de todos os municípios integrantes do Fórum. Porto Murtinho teve a responsabilidade de mostrar para todo o estado de MS o que a

região está desenvolvendo nos setores da cultura e do turismo e que colaboram com o fortalecimento das atividades do consórcio. “E ao ficar sem sentido histórico, o que se resgata acaba sendo uma cultura que não pode olhar senão para o passado, cultura-patrimônio, folclore de arquivo ou de museu nos quais conservar a pureza original de um povo-menino, primitivo” (ALMEIDA, 1957, p. 40).

4. *El Toro Candil*: Bandido e Encantado

Ao criarem os filhos do *El Toro Candil*, a cidade de Porto Murtinho criou a disputa pela sua paternidade e também a lenda. Conta a lenda que:

Nascido no Paraguai, vindo para o Brasil, fugido de uma lida castigada, Candil, o touro comprado para ser reprodutor, era utilizado na fazenda para puxar arado e carro-de-boi, seu dono “senõr Caceres” além de castigá-lo na lida, ainda deixava o touro passar necessidades físicas: fome e frio no relento, à beira do rio Paraguai. Candil atravessou a nado o rio que que separa o Brasil de seu vizinho, mas precisamente na região de *Isla Margarida* e Porto Murtinho. Já em terra *brasilis*, Candil aproximou-se da Fazenda Fronteira, do senhor Quinzinho e conheceu a novilha Estrela, que segundo antigos moradores da região, era a mais bela novilha pantaneira. Nos idos dos anos 40, numa noite de tempestade, Estrela apavorada debandou do rebanho para mata adentro, e nem mesmo “Nego Peão”, o forte e corajoso capataz da fazenda se arriscou a buscar a novilha, tamanha a violência da natureza naquela noite. Pouco tempo depois, Sinhazinha Laura gritou: - O Candil debandou!. "Já é tarde. Perdemos nosso gado", exclamou alguém. A alvorada anunciava um novo dia, alguns raios de sol mostravam o fim da noite tempestiva. Sinhazinha estava em prantos sentada num tronco de Jacarandá, quanto avistou dois pontos brancos vindo em direção à fazenda, eram eles: Candil carregando Estrela, depois de salvá-la da tempestade. Dias e semanas se passaram, logo, Estrela pariu um lindo bezerro. “Esse bezerro vai roubar o lugar do meu potro no curral”, exclamou Sinhazinha, que não teve dúvidas, batizou o bezerro de Bandido, filho de Estrela e do touro Candil. Anos se passaram e Sinhazinha, já era Sinhá, mãe do menino Diego. Seu filho era um belo menino que adorava pescar no rio Paraguai. Numa tarde de outono, o vento brando fez com que o menino dormisse à beira rio. Uma sucuri, que buscava por alimentos começou a enroscar o corpo do menino, Bandido que estava pastando pelas bandas viu a cobra grande levar Diego rio adentro. Sem pensar duas vezes, Bandido se jogou no rio e salvou o menino, mas a cobra já tinha outra comida e começou a se enrolar no touro Bandido. Nego Peão tentou apartar a briga, mas já era tarde Bandido estava quase

morto. Já era noite quando as promesseiras de Caacupé deram um grito de socorro aos pajés, que num ritual invocaram o poder da santa milagreira. Em um passe de mágica a grande cobra soltou o touro e fugiu rio a dentro, Bandido levantou-se e voltou ao curral. Mais um milagre da Santa de Caacupé havia acontecido. Naquela noite, a santa do Paraguai tinha salvo o filho do touro Candil, o famoso e valente touro Bandido. Esta é mais uma das lendas de Porto Murтинho, a estória do touro Bandido, um touro que pela santa foi iluminado. Filho do touro Candil, que disputa a paternidade legítima com outro famoso touro da região, o galante touro Encantado. (Portal de Porto Murтинho. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/a-lenda-do-touro-bandido>. Acessado em: 20 de abril de 2011)

Nos deparamos com o que Stuart Hall (2000) afirma: as culturas nacionais são comunidades imaginadas. Por sua vez, o teórico sul-mato-grossense Paulo Nolasco dos Santos, em seu livro *Literatura e Práticas Culturais* (2009), lembra que, tal como a nação, a região também é uma tradição inventada. Temos então uma comunidade inventando uma manifestação cultural inspirada em outra manifestação já existente. A cidade de Porto Murтинho, inspirada pela manifestação popular centenária do *El toro Candil*, contaminada pelas infiltrações midiáticas, cria o “Touro candil” ou “Boi de candil”, uma manifestação nova, de massa, popularesca, que faz uma releitura nada tradicional da manifestação folclórica existente anteriormente na cidade.

Considerações possíveis

Acreditamos que é a mestiçagem que unge os elos de intermediação da cultura sul-mato-grossense, pois privilegia um conjunto de procedimentos formais caracterizados pelo cruzamento de elementos artísticos de múltiplas origens, o que inclui a forte presença da contradição, do paradoxo, do desequilíbrio, gerando no receptor um certo estranhamento no que diz respeito aos valores, modelos e referências que se encontram integrados nas práticas culturais.

Tratamos, portanto, do mundo das representações, incorporadas simbolicamente na complexidade das manifestações culturais sul-mato-grossenses. Desta forma, fica claro que a cultura, ao traduzir outros códigos, gera textos que são a base da cultura humana não como acessório de nossa condição, mas sim seu substrato. O ser humano é humano porque produz cultura. E esta se apresenta, assim, como um mecanismo dinâmico que traduz mensagens em

novos textos ou sistemas de signos. Por isto “cultura é memória, ela relaciona-se necessariamente com a experiência histórica passada [...]. A própria existência da cultura pressupõe a construção de um sistema de regras para a tradução da experiência imediata em textos” (LOTMAN e USPENSKI, 1981, p. 41). Desta forma, memória é cultura, é matriz da vida social. Daí nosso objeto de pesquisa voltar-se para as manifestações de cultura sul-mato-grossense, de forma intercultural que traduzem as experiências imediatas em textos. E texto enquanto “unidade mínima de cultura” (LOTMAN, 1978, p. 89).

El Toro Candil que acontece em Porto Murinho é uma manifestação de cultura sul-mato-grossense que merece destaque e melhor apuro científico, pois está presente nos costumes de nossa gente e que a todo momento recebe novos elementos num processo contínuo de mestiçagem. Afinal, são processos resultantes daquilo que Paulo Nolasco dos Santos (2009, p. 80) chama de “trânsitos, travessias que aí se fizeram e que resultam no dilema da representação cultural que constitui a um só tempo e num só compasso, o que aqueles que vivem do lado de cá, no Brasil e os do lado de lá no Paraguai”. E, ousou afirmar, em quaisquer outros lugares.

Referências

- ALMEIDA, Renato. *A inteligência do folclore*. Rio de Janeiro: Americana-INL, 1957.
- BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CARVALHO NETO, Paulo de. *Folklore Del Paraguay*. Assuncón: El Lector, 1996.
- CARVALHAL, Tania Franco. Relendo “O gaúcho a pé”. In: MASINA, Léa ; APPEL, Myrna Bier. (Org.). *A geração de 30 no Rio Grande do Sul: literatura e artes plásticas*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.
- _____. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

LAPLANTINE e NOUSS, François e Alexis. *A mestiçagem*. Trad. Ana Cristina Leonardo. Lisboa: Biblioteca Básica de Ciência e Cultura- Instituto Piaget, s.d.

LOTMAN, Iuri e Boris USPENSKI. “Sobre o mecanismo Semiótico da Cultura”. Em *Ensaio de Semiótica Soviética*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Editorial Estampa: Lisboa, 1978.

MARIN, Jérri Roberto. Hibridismo cultural na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia. IN: ABDALA JUNIOR, B.; FANTINI, Marli. (orgs.) *Portos flutuantes: trânsitos ibero-africanos-americanos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

MENEGAZZO, Maria Adélia. “Representações Artísticas e Limites Espaciais: O Regionalismo Revisitado”. In: SANTOS, P. S. N. dos; RUSSEFF, I; MARINHO, M. (Org) . *Ensaio Farpados*. Campo Grande: Letra Livre, 2001.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do Local*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2008.

_____. (Org). *Literatura e Práticas Culturais*. Dourados-MS: Editora da UFGD, 2009.

_____. *Ensaio general sobre el barroco*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

SANTAELLA, Lúcia. *Porque a Comunicação e as artes estão Convergindo*. São Paulo: Paulus, 2005.

SIGRIST, Marlei. *Chão batido- a cultura popular em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 2008.

_____. “Um paraíso entre a Cordilheira e o Cerrado”, In: SENAC.DN. *Pantanal: sinfonia de sabores e cores*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2003.

[Recebido: 15.set.11 - Aceito: 18.set.11]